

"O Brasil precisa criar cultura de poupança interna"

Para Lester Thurow, País deve ter estratégia de desenvolvimento que crie condições para crescer mais de 5% anuais

por Heloisa Magalhães
do Rio

"O Brasil está controlando a inflação com sucesso, começando a alcançar o período de estabilidade e maior credibilidade. É ótimo para o País, mas não é suficiente. Falta definição de uma estratégia de desenvolvimento de muito longo prazo, que crie condições para que sejam mantidos índices de crescimento superiores a 5% anuais por muitos anos. E essa estratégia deve privilegiar a educação", diz o economista Lester Thurow, que está no País a convite da IBM Brasil cumprindo apertada agenda de seminários para executivos.

Thurow, que se identifica como pensador de esquerda, após oito anos como reitor, hoje é professor da Sloan School of Management do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Ele acha que a tendência atual de se identificar o capitalismo como o único sistema de governo capaz de criar condições para que sejam resolvidos os problemas dos países desenvolvidos e do terceiro mundo não sobreviverá: "Alguém vai inventar uma ideologia. Não faz sentido ser mantida uma só doutrina. Concordo que o comunismo não deu certo, mas não creio que exista um só meio de se encontrar o equilíbrio. Não tenho dúvidas de que haverá debate", diz.

A base das conferências que o economista fez no Rio e em São Paulo é

o novo livro que lançou em março, nos Estados Unidos, ainda não traduzido para o português: "The Future of Capitalism: How Today's Economic Forces Shape Tomorrow's World" ("O futuro do capitalismo: Como as forças econômicas de hoje desenham o mundo de amanhã"). É também autor de obras consagradas como "The Zero-Sum Society" ("A Sociedade da Soma Zero"), que o tornou voz destacada na criação de programas econômicos para candidatos à Presidência dos EUA.

Thurow, que é articulista da revista Newsweek e membro do conselho editorial do The New York Times, antes de seguir para São Paulo, conversou com a Gazeta Mercantil na sede da IBM, no Rio. A seguir, os principais pontos abordados na entrevista:

Gazeta Mercantil – A América Latina e o Brasil estão tendo sucesso no combate à inflação e entram em ciclo inédito de estabilidade econômica. O Sr. vê com otimismo o futuro latino-americano?

Lester Thurow – O que mostro no meu livro é que estamos vivendo um novo ciclo. Haverá novo equilíbrio de forças controlando a economia mundial, que irá afetar a América, o Brasil, o Japão, a todos, sem exceção. Mostro que quem não conseguir vencer barreiras do subdesenvolvimento no século 20 vai enfrentar enorme desafio no século 21, pois o jogo será muito diferente. Em países



Lester Thurow

como Brasil, é claro que foi dado grande passo com o controle da inflação. Mas o ponto importante aqui e nos demais países latino-americanos é a necessidade de ser elaborado um plano de crescimento de muito longo prazo, que seja a base para a manutenção de índices de crescimento consecutivos, por quinze, vinte anos, pelo menos.

GZM – O que seria um nível adequado de crescimento?

Thurow – Crescer 5% é pouco, é preciso mais e por vários anos. Os Estados Unidos passaram 120 anos crescendo para chegar aonde estão. O Japão precisou de 140 anos e agora está chegando no nível dos EUA. É preciso ser montado um programa de desenvolvimento que transcorra por cem anos. O que acontece na América Latina é o constante desequilíbrio. O crescimento é sazonal. Os países

têm bons dez anos, outros dez ruins, cinco bons, cinco maus e assim sucessivamente. Ninguém conseguiu estabilidade. Há dois países latino-americanos, como Chile e Argentina, que cem anos atrás poderiam ser identificados como de primeiro mundo. Perderam a posição. Caíram para o terceiro mundo. A pergunta é se eles poderão voltar ao estágio do passado.

GZM – Qual estratégia o Brasil deve montar?

Thurow – O Brasil precisa preparar a força de trabalho com alto nível de formação. Educação é ponto-chave. Países da Ásia que montaram programas nesse sentido tiveram sucesso. Investiram quatro vezes mais que o Brasil e estão colhendo os frutos. O Brasil deve analisar o que esses países fizeram e adaptar o modelo de formar mestres e doutores com perfis adequados a uma estratégia maior, na qual sejam privilegiados segmentos em que o País tenha potencial. Essa é uma área em que todo o País precisa fazer a sua parte. Não é tarefa exclusiva do governo. As empresas privadas, a sociedade, antes de tudo, precisam dar a sua contribuição. A Alemanha é um exemplo a ser analisado, em que a política educacional não partiu do governo. O processo nasceu na iniciativa privada.

GZM – Há algum modelo ideal a ser seguido pelo Brasil?

Thurow – É necessário fazer uma es-

pecie de "benchmark" do País. O Brasil não deve importar soluções, mas analisar com atenção as estratégias industriais de Cingapura, Coreia, Hong Kong ou Taiwan. Foram países que montaram uma indústria voltada ao mercado internacional, com perfil competitivo, cresceram e projetaram-se internacionalmente. O momento é importante inclusive para verificar por que esses países pararam de crescer e analisar as correções necessárias. Também deve haver preocupação com a poupança. Os países em desenvolvimento precisam criar cultura voltada à poupança interna, pois assim fica aberto espaço para o investimento. Falta ao Brasil uma política econômica abrangente voltada ao crescimento. O que se vê no País é apenas um programa que parece bem sucedido de combate à inflação. Mas qual é a estratégia de crescimento? Não vejo.

"O Brasil precisa analisar com atenção as estratégias industriais de Hong Kong e Taiwan"

GZM – O Sr. hoje é professor com especialidade em economia para a região Ásia-Pacífico e, certamente, acompanha a tendência mundial de tratados multilaterais. Acha que o Mercosul tem futuro?

Thurow – Os tratados de livre comércio sempre fracassam. A não ser que tenham características muito específicas. Na Europa a meta é uma integração de países com perfis muito semelhantes, o que faz sentido. Já o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) criou um acordo em que é claro controle dos Estados Unidos. O México e o Canadá têm economias muito pequenas, estão acabando como o 51º e 52º estados norte-americanos. Não sei exatamente quais os objetivos do Mercosul, mas a história mostra que acordos de livre comércio não funcionam.

GZM – Em seu novo livro, o Sr. aborda a questão das forças econômicas que irão desenhar o mundo de amanhã. Quais são elas?

Thurow – Uma delas é o final do comunismo. Cerca de um terço da humanidade e um quarto do território mundial estão se unindo ao mundo capitalista. Os habitantes dos países

comunistas passaram a viver num mundo com diferente conjunto de critérios para o sucesso e a derrota. E os que já viviam sob o capitalismo vão precisar digerir essa massa de pessoas tão diferentes e alterar o desenho do próprio mundo. Esse é um desafio. Outro ponto importante é a questão da mudança tecnológica. Já estão e ficarão cada vez mais na liderança da economia as indústrias que exigem força cerebral. No século 20 o perfil industrial do mundo foi basicamente o de produzir itens com mão-de-obra intensiva em países pobres e os de capital intensivo nos ricos. A nova tendência é das indústrias que exigem mais cérebro e criação, que não contam com "habitat" predeterminado. Podem estar geograficamente localizadas em qualquer lugar da face da terra. O domínio econômico permitirá criar, mobilizar e organizar a força mental que determinará sua localização.

GZM – Há outras forças?

Thurow – Outra força que desenha o futuro do capitalismo é o novo perfil da população que cresce rapidamente e está ficando mais velha. Há crescimento acelerado nos países pobres aumentando o volume de população desqualificada para o mercado de trabalho. Daí a educação ter se tornado estratégica. Por outro lado, os idosos estão em maior número. São influentes, mas não trabalham e dependem de pensões e benefícios sociais, reduzindo o percentual de pessoas economicamente ativas. Mudanças na tecnologia, transportes, telecomunicações são os principais fatores que propiciam o fenômeno da economia global. Um produto pode ser produzido num extremo do mundo e comercializado em outro. O conceito de economia nacional está desaparecendo. Cria-se uma desconexão natural entre as empresas globais e a política de bem-estar social dos governos nacionais. Outro fator crucial no desenho da economia mundial é o fato de que no século 21 não haverá uma força dominante capaz de determinar, organizar, impor as regras do jogo econômico. Vai acabar o mundo dominado pela economia unipolar, como foi no século 19 na Inglaterra e hoje com os EUA. Uma economia mundial multipolar vai chegar. Mas desconhece-se como será desenhada essa nova organização.